

# Corpo comunicativo: analisando a comunicação corporal por meio da gestualidade do educador

*Communicative body: analyzing the corporal communication through the educator's sign*

**Djavan Antério**

*Professor Ms. do Departamento de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba.  
E-mail: djavananterio@gmail.com*

**Pierre Normando Gomes-da-Silva**

*Professor Dr. do Departamento de Educação Física da Universidade Federal da Paraíba.  
E-mail: pierrenormandogomesdasilva@gmail.com*

## RESUMO

O presente estudo, a partir da perspectiva do corpo como percepção e expressão inter-relacional do sujeito no mundo, analisa a comunicação corporal do educador consigo mesmo, com os alunos e com o entorno educativo. Tomando a gestualidade como um dos canais de comunicação, se investigou as repercussões pedagógicas da capacidade comunicativa corporal do educador. Trata-se de uma pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa, do tipo participante, cuja técnica de coleta se deu por meio de seminários, oficinas corporais, observação e diário de campo, com 28 professores de educação física da rede municipal de Cabedelo/PB. Como problemática, investigou-se a repercussão pedagógica da comunicação corporal na capacidade interventiva do educador. Para a análise dos dados, utilizou-se a teoria da comunicação corporal. Os resultados evidenciaram a concretude de uma ação corporal possível de ser provocada e alterada, vislumbrando o potencial pedagógico na expressividade gestual dos participantes. Em termos de repercussão pedagógica, emergiram três aspectos fundamentais: (a) timidez; (b) relação entre intencionalidade e expressividade; e (c) sensibilidade da interação comunicativa. Concluímos reconhecendo a gestualidade como fator decisivo na intervenção pedagógica do professor, na medida em que ele toma consciência dela.

Palavras-chave: educação; corpo; comunicação corporal.

## ABSTRACT

This study, from the perspective of the body as an inter-relational perception and expression of the subject in the world, examines the body language of the educator himself, with the students and the educational environment. Taking the gesture as one of the communication channels, we investigated the pedagogical effects of the body and communication skills of the educator. It is a descriptive search, qualitative approach, partaker, which collection technique was done through seminars, body workshops, observation and daily field, with 28 physical education teachers in the municipal net of Cabedelo/PB. As problematic, we investigated the pedagogical impact of the body language in the intervention capacity of the educator. For data analysis, we used the theory of body language. The results showed how the concreteness of a bodily action is able to be caused and changed, seeing the educational potential in the gestural expressiveness of the participants. In terms of pedagogical repercussions, three fundamental aspects emerged: (a) shyness, (b) the relationship between intentionality and expressiveness, and (c) sensibility of the communicative interaction. We conclude by recognizing the gesture as a decisive factor in the pedagogical intervention of the teacher, in so far as he becomes aware of it.

Keywords: education; body; corporal communication.

## Introdução

Na contemporaneidade é bem comum percebermos a ideia do corpo humano sofrer constantes questionamentos, independentemente da área científica. Talvez por sua complexidade subjetiva, conectado ao tempo e ao espaço em que se contextualiza, pela associação aos fatores socioculturais, ou mais simplesmente pela fragilidade evidenciada pelas doenças ou pela própria iminência da morte. Qualquer que seja a vertente desses questionamentos, algo não pode ser negligenciado: “o corpo é uma das nossas maiores riquezas” (CORRAZE, 1982).

O corpo, segundo Foucault (1987), é simultaneamente fonte de prazer e alvo da disciplina. As transgressões e a rotina saudável acabam por polarizarem o contexto relacional em que vivemos. O autor fundamenta acerca do que ele chama de “corpo dócil”, submetido a uma “coerção” de forma a mantê-lo sob poder. “Constata-se que um corpo dominado é um corpo dicotômico submetido ao comando mental, impedindo sua liberdade para responder às suas próprias necessidades, como um instrumento apto a corresponder às nossas exigências sob controle da mente” (FOUCAULT, 1987, p. 83).

Partilhamos do entendimento de corpo exposto por Laban (1978), o qual sustenta a complexidade e a constante possibilidade no processo de criação, adaptação e, sobretudo, transformação do sujeito. Para Laban, independente da área de conhecimento, o corpo sempre será dotado de complexas ramificações conectadas entre si, sendo, em sua completude final, um forte elemento integrador, que possibilita e estimula novas trocas de relações. À luz da teoria “labaniana”, preocupa-nos fomentar uma discussão que transcenda a visão de corpo como “máquina humana”, pois entendemos que a estrutura corporal é composta de um emaranhado complexo de elementos subjetivos não automatizados como sentimentos, sentidos, intuições.

A partir desse bojo contextual, o presente artigo aborda a comunicação corporal do educador a partir da perspectiva do corpo como percepção e expressão inter-relacional do sujeito no mundo. Analisamos a comunicação corporal do educador consigo mesmo, com os alunos e com o entorno educativo.

Na literatura, encontramos poucos estudos que se referem à expressividade gestual como canal de interação socioeducacional, ou seja, considerando o processo relacional por meio, tanto da vertente social propriamente dita, como, por conseguinte, da educacional. Num esforço de síntese, podemos vislumbrar tal perspectiva em estudos como os de Corraze (1982), Rector e Trinta (1985), Knapp e Hall (1999) e Glusberg (2003). Todavia, acreditamos que pudemos aprofundar de forma mais específica na temática elencada, explorando a capacidade de o sujeito comunicar-se corporalmente, recorrendo de forma consciente e estratégica à linguagem não verbalizada.

O objetivo deste estudo correspondeu identificar as efetivas repercussões pedagógicas obtidas pela aplicabilidade de um *Programa de Técnicas Corporais* na capacidade comunicativa corporal do educador. Para atingir tal objetivo geral, fizeram-se necessários objetivos específicos que permitissem acercar-nos da prática considerada como processo de ação e não como mero produto observável por um observador externo, contemplando tanto a reflexão quanto a prática docente. São eles: (i) analisar a ação gestual dos professores ao comunicar-se corporalmente; (ii) estruturar junto aos sujeitos pesquisados uma atitude corporal mais sólida e ativa no processo socioeducativo.

Ratificamos que para o foco da análise na capacidade de o sujeito expressar-se gestualmente, adotamos a perspectiva trazida por Glusberg (2003), em que o corpo passa pela prática de se comunicar através de suas “inervações”, isto é, o corpo provocado e explorado em sua máxima potencialidade. Nossa abordagem sustenta-se na consideração da linguagem corporal como ferramenta da comunicação humana, de

modo que, entendendo o que o corpo diz, entendemos melhor o que os outros nos têm a dizer (PEASE; PEASE, 2005).

### Contextualização metodológica

Tomando a gestualidade como um dos canais de comunicação, investigamos as repercussões pedagógicas da capacidade comunicativa corporal do educador. Trata-se de uma pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa, do tipo participante, cuja técnica de coleta se deu por meio de seminários, oficinas corporais, observação e diário de campo, com professores de educação física da rede municipal de Cabedelo/PB.

Por meio de uma avaliação empírica, nos primeiros encontros com os sujeitos da pesquisa, identificamos alguns problemas enfrentados por professores de Educação Física escolar no que concerne a sua prática docente: (a) pouca atitude corporal ao comunicar-se; (b) adaptação ao meio em que está inserido; e (c) timidez ao expressar-se. Desse modo, eis que a proposta da pesquisa tomou forma e foi descrita por meio de sua questão-problema: *Em que medida a comunicação corporal pode repercutir pedagogicamente na capacidade interventiva do educador?*

Nesse sentido, formulamos uma compreensão acerca da comunicação corporal, a qual serviu como base para todo o estudo. Baseados no arcabouço teórico recorrido, entendemos por comunicação corporal a capacidade de o sujeito comunicar-se corporalmente, por meio da linguagem não verbalizada, tal como a própria terminologia sugere. Em consonância com Rector e Trinta (1985), partimos da premissa de que, independentemente do nível de comunicação (verbal ou não verbal), a comunicação humana caracteriza-se como um fenômeno, bem como uma função social. “Comunicar é manifestar uma presença na esfera da vida social. É estar-no-mundo-junto-com-outros” (RECTOR; TRINTA, 1985, p. 8).

Partindo do problema formulado, realizamos primeiramente um levantamento bibliográfico de estudos referentes à temática em questão, seguindo de uma investigação qualitativa descritiva de campo por meio de questionários<sup>1</sup> temáticos aplicados aos sujeitos da pesquisa. Posteriormente, realizamos o seminário vivencial, o qual serviu como experimento para a coleta dos dados.

Como adiantamos anteriormente, o campo de intervenção da pesquisa foi constituído por professores de educação física da rede pública de ensino do município de Cabedelo, no estado da Paraíba, que atuaram entre agosto e novembro do ano de 2009. Como critério de inclusão, consideraram-se todos os professores efetivos, ativos no período do seminário (fase de coleta de dados) e que estavam trabalhando diretamente com os alunos. Foram desconsiderados os professores em algum tipo de afastamento ou licença no período da coleta dos dados, que realizavam atividades administrativas e aqueles que não concordaram em participar do estudo. Por fim, participaram 28 professores no total, sendo 15 do sexo feminino e 13 do sexo masculino.

### Processo interventivo

A intervenção procedeu-se por meio do *Seminário de Vivências Corporais*, o qual foi estruturado levando em consideração o período de que estaríamos juntos aos professores. Elaboramos um planejamento que subsidiasse o cronograma estruturado e separamos os conteúdos que iríamos trabalhar em quatro oficinas distintas: *Oficina I*, intitulada de *Corpo em Ação*, aplicada durante o mês de agosto; *Oficina II*, intitulada de *Corpo Gestual*, aplicada durante o mês de setembro; *Oficina III*, intitulada de *Corpo Postural*, aplicada durante o mês de outubro; *Oficina IV*, intitulada de *Corpo Espacial*, aplicada durante o mês de novembro.

As oficinas, com exceção da primeira, atendiam à especificidade de cada categoria avaliativa assim como se aplicavam por meio dos canais de comunicação preestabelecidos. Ratificamos que cada categoria era contextualizada por sua respectiva circunstância pedagógica. O Quadro 1 a seguir explicita a estruturação que adotamos:

**Quadro 1** – Estrutura pedagógica adotada.

Oficina	Categoria avaliativa	Circunstância pedagógica	Canal de comunicação
I*	----	----	----
II	<b>Corpo gestual</b>	Explicação no início da aula	<b>Gestos</b>
III	<b>Corpo postural</b>	Procedimento durante a aula	<b>Postura</b>
IV	<b>Corpo espacial</b>	Deslocamento durante a aula	<b>Exploração do espaço</b>

\*Ratificamos que a Oficina I, aplicada no mês de agosto, correspondeu ao processo de intervenção introdutória da proposta.

Para a circunstância pedagógica *Explicação no Início da Aula*, adotamos o canal de comunicação dos *Gestos*, que envolve a linguagem e a expressividade corporal entre pessoas ou com objetos. Em se tratando da circunstância *Procedimento Durante a Aula*, valemo-nos do canal de comunicação da *Postura*, que envolve os movimentos corporais que podem fornecer pistas seguras acerca da intencionalidade ou até mesmo do estado emocional do emissor. Utilizamos como parâmetros observacionais a capacidade de o sujeito expressar-se por meio de sua postura corporal (retraído/expansivo, introvertido/extrovertido). Para a circunstância *Deslocamento Durante a Aula*, valemo-nos do canal de comunicação *Exploração do Espaço*, que envolve a capacidade de o sujeito explorar de forma mais eficaz o espaço no qual está inserido (ARGYLE, 1988; CORRAZE, 1982).

As oficinas do seminário eram compostas tanto pela parte teórica (textos, artigos científicos, ilustrações) como pela parte prática (atividades, dinâmicas, jogos), buscando instigar e fomentar a utilização da comunicação corporal em todo o processo comunicativo do professor. Cada oficina foi aplicada durante o período de um mês, sendo dividida em quatro momentos.

Na *Oficina II*, foco deste artigo, adentramos efetivamente em nossa proposta de ensino, sob a perspectiva trazida por Glusberg (2003), em que o corpo passa pela prática de se comunicar através de suas “inerações”, isto é, corpo sendo provocado e explorado em sua máxima possibilidade expressiva. Contextualizados pela circunstância pedagógica *Explicação no Início da Aula*, promovemos discussões sobre “o corpo que fala”, apurando a percepção do professor em relação aos seus próprios movimentos corporais, bem como aos daqueles ao seu redor, dando-lhes características informativas.

Em relação à categoria avaliativa, verificamos a capacidade de o sujeito expressar-se por meio dos movimentos referentes à gestualidade do corpo: cabeça, tronco, quadril e membros. Avaliamos a capacidade de o sujeito transmitir por meio de seus gestos (linguagem e expressividade corporal) aquilo que desejava informar. Tal categoria foi desenvolvida à luz de estudos referentes à gestualidade, a linguagem, a performance e a expressividade corporal. São eles: Corraze (1982); Knapp e Hall (1999); Glusberg (2003); Pease e Pease (2005); e Weil e Tompakow (1986).

A avaliação procedeu-se por atividades performáticas (mímicas) contextualizadas por uma frase temática em um tempo de 5 minutos. A frase era composta por seis palavras-chave. O professor, por sua vez, teve de representá-la, através de mímica, para que seus colegas tentassem captar e descobrir o máximo de palavras-chave possível. Após a performance, questionávamos os observadores sobre a representação, perguntando-lhes se haviam identificado alguma palavra-chave. Para

a menção, quanto mais palavras-chave fossem identificadas, maior era a eficácia da atuação do professor:

- a) De 1 a 2 palavras-chave – Performance *Regular*
- b) De 3 a 4 palavras-chave – Performance *Boa*
- c) De 5 a 6 palavras-chave – Performance *Excelente*

Exemplo de frase: *O maravilhoso e perdido jardim encantado do rei sapo*

(1) Maravilhoso / (2) Perdido / (3) Jardim / (4) Encantado / (5) Rei / (6) Sapo

Como estratégia didática, fizemos questão de identificar os movimentos que deixaram claro o que estava predeterminado, verificando se o gesto corporal se fez presente na comunicabilidade entre os sujeitos. Acerca da performance realizada, discutimos em grupo sua eficácia, se poderia ser feito de outra maneira, se foi confusa ou clara etc. A intenção foi provocar um debate sobre a atuação corporal do professor, evidenciando o canal de comunicação em questão (gesto) e sua ligação com a comunicação corporal.

### **Observação protocolada**

Para a coleta dos dados, contamos com o auxílio de um protocolo que fora desenvolvido especificamente para a intervenção realizada. Trata-se de uma ferramenta de observação que satisfiz nossa pretensão em verificar o nível de comunicação corporal de nossos atores por meio dos canais de comunicação (gestual, postural e espacial), avaliando as repercussões obtidas após a participação no seminário. Intitulamos tal ferramenta de Protocolo de Observação do Corpo Comunicativo (POCC<sup>2</sup>).

Para a sistematização do POCC, caracterizamos diferentes tipos de categorias avaliativas, desenvolvidas com base no arcabouço teórico apresentado. Cada categoria foi adequada às intencionalidades preestabelecidas, sendo ainda contextualizada por determinado canal de comunicação. No total, tivemos três categorias: Corpo Gestual – desenvolvida principalmente à luz dos estudos de Corraze (1982), Knapp e Hall (1999), Glusberg (2003); Corpo Postural – desenvolvida principalmente à luz dos estudos de Bertherat (2008) e Laban (1978); Corpo Espacial – desenvolvida principalmente à luz dos estudos de Argyle (1988), e Katz e Greiner (2004).

### **Método de análise**

Para a análise dos dados, utilizamos a *Análise Visual de Movimento*, que concerne analisar o sujeito pesquisado por meio de sua conjuntura corporal. Isto é, caracteriza-se como um conjunto de análise da comunicação corporal advinda do construto performático do sujeito por meio de sua linguagem não verbal. A partir do Indicador de Comunicação (IC) recorrido na pesquisa *Expressividade Gestual*, definimos fatores considerados por nós inerentes ao ato de movimentar-se. Para a sistematização da análise, baseamo-nos em estudos de Corraze (1982), Knapp e Hall (1999) e Glusberg (2003), os quais serviram de suporte teórico para o construto interventivo da pesquisa.

Colhidas as informações perpassadas pelo “corpo-sujeito”, analisamo-las utilizando procedimentos sistemáticos e objetivos para assim obtermos indicadores (qualitativos e quantitativos) que permitissem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção de mensagens. Vale frisar que a análise visual de

movimento busca transcender a questão física, motora, estética do corpo em movimento. Referiu-se à ótica condicionada do observador em valorar a construção (intuitiva ou não) dos movimentos realizados.

Para o tratamento dos dados, inicialmente defrontamos as questões similares do questionário I (antes da intervenção) com o II (depois da intervenção). Nesse processo, os dados foram organizados e expostos em planilhas do *Office Excel* (Microsoft 2007), sendo, por conseguinte, produzidos os resultados em níveis estatísticos para a análise e discussão. Em relação aos dados colhidos por meio do POCC, utilizamos a *Análise Visual de Movimento* para criarmos quadros categóricos, subdivididos a partir da categorização do roteiro adotado, organizados e analisados de acordo com os objetivos propostos.

Ratificamos que a referida pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) do Hospital Universitário Lauro Wanderley da Universidade Federal da Paraíba, sendo devidamente aprovada sob protocolo CEP/HULW n° 190/09, FR-290813. Esclarecemos também que o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado por todos os participantes da pesquisa, obedecendo-se as diretrizes éticas da pesquisa com seres humanos recomendadas pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

### **Análises e discussões**

Trataremos a seguir da parte que corresponde à apresentação e discussão dos dados coletados por meio dos questionários avaliativos e pela observação protocolada. Situamos a análise a partir da dimensão da expressividade gestual, observada por meio do POCC. Como suporte para análise, utilizamos gráficos que correspondem aos dados coletados, explicitando, percentualmente, a dimensão analisada. Apresentamos os dados colhidos antes e depois do seminário no intuito de compararmos, por meio dos escores do grupo focal, as repercussões advindas das oficinas trabalhadas. Visando maior riqueza teórico-metodológica, mantemos nas falas e argumentações uma perspectiva crítico-reflexiva ancorada, sobretudo, no arcabouço teórico recorrido ao longo da pesquisa.

Dialogaremos de maneira direta tanto com autores que exploram o *saber comunicativo* – tal como Picard (1986), Laban (1978), Knapp e Hall (1999), Weil e Tompakow (1986) –, como também aqueles que exploram o *saber docente* de maneira mais específica – como Freire (1999), Morin (1991; 1997; 2000), Tardif (2002), Sacristán (1999; 2005). Intencionamos relacionar a proposta trabalhada com a teorização educacional que focaliza a ação docente do professor.

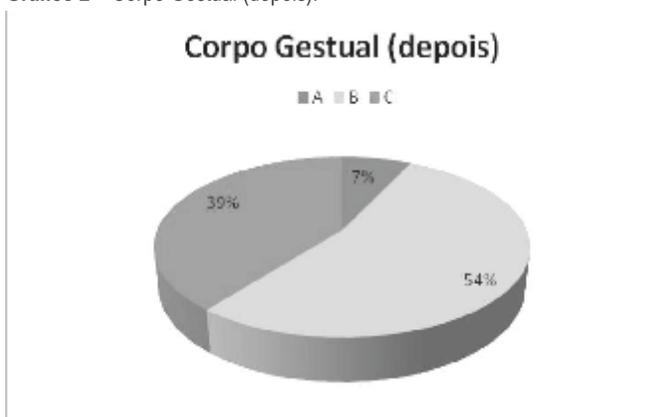
Como perspectiva de suporte, adotamos a categoria LMA<sup>3</sup> *Corpo* (“o que se move?”) como lastro de análise. Essa categoria refere-se aos princípios e práticas corporais desenvolvidos por Irmgard Bartenieff (1900-1982) e abrange tanto os *Princípios de Movimento* quanto os *Fundamentos Corporais Bartenieff* e os diversos exercícios preparatórios. Entre os princípios de movimento utilizados como base nesta pesquisa, tivemos: respiração e correntes de movimento; suporte muscular interno; organizações corporais; iniciação e o sequenciamento de movimento; transferência de peso e intenção espacial (FERNANDES, 2002).

Através da aplicação do POCC, analisamos a capacidade de o sujeito expressar-se por meio de seus movimentos, considerando-o como parte singular de sua linguagem corporal. A seguir, os gráficos demonstram, em termos percentuais, a repercussão das atividades realizadas nas oficinas.

Gráfico 1 – Corpo Gestual (antes).



Gráfico 2 – Corpo Gestual (depois).



Antes de efetivamente discutirmos as informações passadas pelos gráficos acima (1 e 2), é fundamental que entendamos sua estrutura. Levaremos em conta que, no referido caso, os tons de preto e branco representam os níveis do indicador de comunicação não verbal *Expressividade Gestual*: mais escuro (regular); intermediário (boa); mais claro (excelente). Vale salientar que o valor estimado em 100% representa o número dos participantes pesquisados, 28 no total.

Por meio do POCC aplicado antes da intervenção corporal, notamos a predominância do nível *regular* dos participantes (64%), seguido do nível *boa* e *excelente* (7%). Isso implica dizer que, em se tratando de gestualidade, nossos pesquisados apresentaram consideráveis limitações ao tentarem comunicar-se pelos gestos. Trataremos delas mais adiante.

O gráfico 2 expõe valores com perceptíveis mudanças valorativas após a intervenção. Chamamos atenção para o que se refere ao nível *regular*, que, de 64%, decaiu para 7%, dando acréscimo aos níveis *boa* (54%) e *excelente* (39%). Tais modificações sugerem a efetiva interferência dos trabalhos realizados na oficina. A seguir, abordaremos os fatores que consideramos responsáveis por tais alterações.

No caso específico dessa avaliação, a capacidade de o sujeito comunicar-se através de seus gestos foi nosso alicerce para análise. Isso significa que todos os trabalhos realizados nesse período buscaram proporcionar ao sujeito possibilidades corporais que interferissem na habilidade de comunicar-se gestualmente.

Exploramos o movimento pela perspectiva trazida por Weil e Tompakow (1986), considerando-o como um diálogo entre o homem e o mundo e não apenas obrigatoriamente uma mudança de lugar das partes do corpo. O movimentar-se, segundo os autores, é tanto para crianças, como para adultos, uma forma da existência em que se têm os próprios valores. Ademais, é onde o homem, durante toda uma vida, realiza sua expressividade.

Outra percepção explorada encontra subsídios em Trebels (2003), grande estudioso alemão que se aprofundou em estudos sobre o movimento humano a partir de uma abordagem mais filosófica, a qual destrincha importantes aspectos do ponto de vista teórico-prático relacionado ao movimentar-se. Trebels defende o movimento como não sendo algo neutro, mas uma atividade que se realiza mostrando e conduzindo a algo. Por isso é importante que o movimento seja considerado meio e pré-condição para experiências objetivas. O objeto surge pelo movimento e adquire através dele a sua configuração. Dessa forma, cada movimento também introduz um modo de caracterizar o meio ambiente.

No que se refere à forma especial do movimento configurado inicialmente pelo confronto e diálogo com o contexto do meio, temos que o movimento não existe antecipadamente, mas surge do contexto no qual está inserido (TREBELS, 2003). Por conseguinte, o movimento humano deve ter um entendimento dialógico, pois através dele se explica o fundamento relacional que se estabelece entre sujeito e meio, respondendo as perguntas e perguntando as respostas, configurando, por final, um diálogo contínuo e expressivo pelo próprio movimento.

Ao utilizarmos o jogo da mímica na prática corporal, incorporamos a premissa de que o corpo nos oferece um arsenal de informações por meio de sua linguagem não verbal. Pease e Pease (2005) esclarecem que 93% da comunicação humana é feita através de expressões faciais e movimentos do corpo. Ao prestarmos atenção em nossa linguagem corporal e a interpretar corretamente a dos outros, passamos a ter maior controle sobre as situações. Isso se justifica pelo fato de podermos identificar sinais de alegria, de tédio, de atração ou de rivalidade, agindo da forma mais adequada aos nossos objetivos (PEASE; PEASE, 2005).

A categoria em questão também nos instigou a adotarmos a prerrogativa de Picard (1986) de que nossos gestos se fazem presentes até mesmo na relação verbal existente entre os sujeitos. Dessa forma, dificilmente conseguimos nos relacionar, nos comunicar, interagir uns com os outros sem que o gesto corporal, por meio da linguagem não verbal, evidencie-se. Picard (1986) argumenta que a noção do corpo ainda é muito vaga, e a simples evidência de uma matéria de envelopamento não basta para defini-la. Esse pensamento, indubitavelmente, foi caracterizado em nossas práticas, nas quais a interatividade entre os participantes, com o tempo, passou a ser mais natural e de forma mais intensa.

Assim, por mais que defendamos o aprimoramento prático da gestualidade corporal, nada é mais significativo do que a percepção do corpo que se comunica através de sua conjuntura completa, composta por verbalização, intuição, sentidos e corporeidade. Para isso, a conexão entre consciência intelectual e corporal é fundamental, no sentido de que o corpo ocupa seu determinado espaço na interação cotidiana, “nível privilegiado onde a psicologia e a sociologia confluem e se interferem” (PICARD, 1986, p. 19).

Instigamos a linguagem corporal tornando-a aparente aos olhos externos, ou seja, evidenciada ao sujeito em si, ao outro e ao meio. Com isso, a comunicação entre transmissor e receptor pôde ser otimizada, desencadeando um processo comunicativo mais fluente e eficaz. Contrariando o raciocínio lógico, ancoramo-nos na leitura corporal como ferramenta de comunicação poderosa equivalente ao poder da palavra, em que

cria uma ligação com as informações ocultas psicologicamente. Dessa forma, devemos levar em consideração o estado emocional do indivíduo, visto que ele preserva suas verdadeiras informações em um sincronismo com a linguagem corporal. Em consonância com tal afirmativa, o comportamento não verbal pode perfeitamente repetir, contradizer, substituir, complementar, acentuar ou regular o comportamento verbal (KNAPP; HALL, 1999).

Entretanto, para a efetivação dessa assertiva, segundo Knapp e Hall (1999), é fundamental que sejam trabalhadas as categorias referentes à prática da linguagem corporal: (a) *repetição*, que consiste em repetir o que foi dito verbalmente; (b) *contradição*, que contradiz o comportamento verbal; (c) *substituição*, que consiste em substituir as mensagens verbais por comportamento não verbais; (d) *complementação*, que se efetiva por operar modificação ou aprimoramento nas mensagens verbais, o que faz com que as mensagens sejam mais bem compreendidas; (e) *acentuação*, que consiste em acentuar partes da mensagem verbal pelo comportamento não verbal; e (f) *regulação*, que se explica pelos comportamentos não verbais estarem intimamente relacionados ao processo de simetria conversacional, contribuindo para uma regular troca de turnos entre os que interagem.

Em nossas práticas corporais, contemplamos tais categorias, não enfatizando seus conceitos teóricos, mas explorando fundamentalmente suas repercussões práticas, primando por um sujeito mais expressivo, que, por meio de sua estrutura corporal, se faz entender, perceber. De acordo com Knapp e Hall (1999), vivenciando estrategicamente esses comportamentos, é possível regular o fluxo de comunicação entre os interlocutores. Logo, o processo de interação humana torna-se mais eficiente, mais proveitoso.

Fazendo um comparativo entre as avaliações realizadas (antes e depois), nota-se que os 64% do nível *regular* cedeu para o somatório de 93% dos níveis *boa e excelente*. Isso nos leva a crer que a intervenção corporal repercutiu positivamente para a expressividade gestual dos participantes. Evidenciando o que para nós foi caracterizado como repercussão pedagógica, destacamos os aspectos fundamentais: (a) timidez; (b) relação entre intencionalidade e expressividade; e (c) sensibilidade da interação comunicativa.

No que se refere à *timidez*, percebemos que de fato ela é algo que deve ser considerado em todo e qualquer processo em que se trabalhe com exposição do sujeito. Isto é, não é confortável ou mesmo suportável para todo e qualquer sujeito estar em frente a um público; ou até mesmo dentro de uma sala ministrando aula para uma turma de alunos. Vencer a timidez é algo que pode aparentemente ser fácil. Porém, procedendo-se de forma brusca e inadequada, o resultado pode ser inverso, gerando futuros empecilhos para o sujeito, inclusive corporais (CASARES; CABALHO, 2000).

Segundo Casares e Cabalho (2000), na revisão da literatura sobre a questão da timidez – e também aquilo que os autores referenciam como *retraimento social* –, observam-se tanto problemas terminológicos como conceituais, com a existência da falta de acordo a respeito da definição e da delimitação desse construto. Contudo, como nossa intenção foi obter algumas repercussões por meio das técnicas corporais apresentadas, nos valem das principais descobertas dos estudos longitudinais, os quais evidenciam que a timidez é um fator que pode comprometer diretamente nos aspectos emocionais e na própria personalidade do sujeito.

Para superarmos tal fator, trabalhamos de forma gradativa com dinâmicas que fizessem o participante estar constantemente em situação de exposição, ferindo o que chamamos de “zona de conforto comportamental”. Essa zona, para pessoas mais tímidas, é aquela em que fatores externos dificilmente lhe causam algum efeito. Por exemplo, assistindo a uma palestra e não palestrando; sentado na mesa do restaurante

e não dançando no meio do salão. O fato é que a timidez, segundo Casares e Cabalho (2000), é algo que vem de muito antes, desde a construção da nossa personalidade ainda na infância. Portanto, nossa intervenção procurou ser de forma mais amena, apenas chamando atenção para o ganho que se pode ter, em termos comunicacionais, ao vencer tal barreira.

Aos poucos fomos percebendo os resultados: sujeitos menos inibidos, sem tanta cerimônia para falar em público, com disposição para se expor de forma responsável e intencional. Tais mudanças são explicitadas nos dados percentuais dos gráficos analisados. De fato, a dinâmica proposta evidenciou claramente as repercussões advindas do processo de intervenção.

Sobre o fator *relação entre intencionalidade e expressividade*, é primordial que se entenda o conceito adotado. Na comunicação, é básico que haja um transmissor (da informação) e seu respectivo receptor. Logo, no processo comunicativo, segundo Knapp e Hall (1999), antes mesmo da efetiva transmissão da informação, nosso corpo oferece sinais de intencionalidade que podem ser perfeitamente captados. Evidenciamos esse fato ao trabalharmos a expressividade corporal.

Expressividade representa a intencionalidade manifesta, que representa aquilo que queremos e pode-se, porém não obrigatoriamente, ser apresentada pela nossa linguagem não verbal (KNAPP; HALL, 1999). A partir dessa perspectiva, ao abordarmos a expressividade corporal, preocupamo-nos com sua eficiência para proporcionar uma comunicação clara e objetiva. Referimo-nos tanto ao acervo gestual do transmissor como a amplificação desses gestos. Nossa premissa base na referida oficina era que os gestos fossem de fato suficientes para comunicar a intenção do professor, rompendo com a redução e a limitação de sua ação docente. Não exploramos tão somente uma explicação das impossibilidades do professor. Oferecemos também uma contribuição para que ele pudesse ter uma ação interventiva mais eficaz, otimizada.

Antes das intervenções, avaliamos os participantes em 64% da capacidade gestual recorrida no momento da comunicação como sendo *regular*. Esse valor foi mais do que suficiente para notarmos que as informações transmitidas por eles procediam-se de forma menos proveitosa, com pouca clareza. Trabalhamos então com atividades corporais que efetivamente explorassem o corpo em toda a sua composição estrutural. A intenção foi relaxar fisicamente por meio da prática intuitiva de movimento.

Posteriormente à intervenção, tivemos considerável aumento dos níveis *boa* e *excelente*, 54% e 39%, respectivamente. A conscientização foi fator preponderante na mudança corpo-gestual do sujeito. Afinal, pouco adiantaria mudar sem saber que está mudando e o que está sendo mudado. Os gestos apareciam tanto de forma intencional como espontânea, sinalizando as conexões entre a intencionalidade e a expressividade corporal do transmissor.

Em relação à *sensibilidade da interação comunicativa*, surge também a necessidade de explicitar o que queremos dizer com determinado termo. Também na comunicação é fundamental que, entre seus polos (transmissor e receptor), haja uma mínima sensibilidade de assimilação da compreensão da expressão realizada. Do contrário, por maior que seja o esforço de um polo para informar ao outro, será em vão. A partir dessa premissa, percebemos, ao longo da oficina trabalhada, que o processo de comunicação pode também ser otimizado pela gestualidade dos sujeitos. Isto é, intervindo na expressividade corporal (focando-se nos gestos corporais), tem-se uma considerável melhora no cerne da dinâmica de interação comunicativa daqueles que estão se comunicando.

Na dinâmica avaliativa que propomos para a aplicação do POCC, pedimos que cada sujeito, através da mímica, expressasse corporalmente uma frase temática. Outro fator extremamente importante era que esse emissor estivesse atento (sensível)

para perceber no(s) outro(s) se havia uma compreensão por meio da expressividade de resposta. Enquanto antes da intervenção tivemos uma média de 7% dos sujeitos possibilitando a compreensão de 5 a 6 palavras-chave (nível *excelente*), após a intervenção esse valor saltou para 39%. Isso indica que a interação entre os sujeitos, naquele dado momento, foi mais bem aproveitada, resultando, inclusive, em uma compreensão mais efetiva da informação transmitida.

A *dinâmica de interação comunicativa* foi algo que mais nos chamou a atenção em termos valorativos da categoria analisada. Isso se justifica pelo fato de que um sujeito tímido se comunica, e, mesmo sem intenção, pode-se transmitir informação. Todavia, se não houver dinâmica, se a interação não for adequada, a informação pode até chegar ao receptor, mas chegará de forma comprometida, distorcida, fazendo jus à tradicional brincadeira popular do “telefone sem fio”.

Tratando-se especificamente da relação existente entre o *saber comunicativo* e o *saber docente* na oficina em questão, elucidamos o que consideramos de mais relevante no tocante à ação educativa do professor. Fundamentalmente, por meio do canal *gestual*, constatamos significativas contribuições pedagógicas que são facilmente transpassadas para o âmbito escolar, principalmente no que se refere à superação da timidez e à sensibilidade corporal.

Do ponto de vista educativo, a superação desses dois fatores possibilita ao professor interagir de maneira mais eficaz com seus alunos. Afinal, o professor, sendo tímido, compromete sua própria transmissão do conteúdo. Da mesma forma, se não detém um acervo de gestos suficientes ou mesmo que estes não sejam amplificados para uma melhor compreensão por parte dos seus alunos, acaba por subutilizar seu próprio corpo.

Dessa forma, o professor precisa de sensibilidade para perceber mais eficazmente os gestos de seus alunos e, por meios deles, respostas ao conhecimento que está sendo transmitido. Desconsiderar tal fato é ignorar um dos mais importantes ensinamentos de Freire (1999), que diz que a construção do conhecimento deve emergir da relação dialética entre os sujeitos e seus respectivos conhecimentos.

## Conclusões

Os resultados apresentados demonstraram a dimensão repercussiva ao trabalharmos diretamente com o corpo. A evolução que os sujeitos obtiveram no que diz respeito às categorias avaliativas analisadas foi perceptível. Verificamos o avanço que cada participante obteve, refletindo, segundo seus próprios depoimentos, de forma pedagógica no âmbito em que atua. A análise em foco ratifica o valor da comunicação corporal por meio da expressividade gestual. O fato é que ela, quando explorada de forma consciente, promove e acentua diferentes funções daqueles que interagem no ambiente, como, por exemplo, na sala de aula. Assim, é necessário que se reconheça a contribuição efetiva da exploração comunicativa corporal.

A comunicação corporal é elemento fundamental para o processo de ação comunicativa do sujeito com o meio que o entorna. Considerá-la como fonte de informação significa potencializar a linguagem não verbal e suas efetivas implicações. Sob o prisma da comunicação corporal, o ato de movimentar-se toma maiores proporções do que aquelas convencionais do nosso cotidiano. Isso significa irmos além do deslocamento, da postura mais confortável, do mover-se por alguma necessidade. Promovemos a compreensão dos significados do vocabulário corporal, para assim poder ampliá-los e compartilhá-los.

Confrontando as teorias recorridas com a prática realizada, pontuamos algumas considerações que sustentam a perspectiva por nós defendida. A primeira

delas é que o corpo é, antes de qualquer coisa, uma evidência do ser humano, que o acompanha desde o seu nascimento. À medida que o sujeito vai se desenvolvendo, seu corpo apropria-se de uma conjuntura contemplada pela tradição, costumes, cultura, hábitos, enfim, fatores inerentes a um sujeito tipicamente social.

O fato é que tal contexto dificilmente pode ser avaliado e/ou analisado a partir de uma abordagem crua, direta, meramente objetiva. O corpo, nesse viés, é fruto de uma subjetividade rica em elementos não concretos, não racionalizáveis. Daí a necessidade de novos mapeamentos que revelem o desenho subjetivo desse corpo, buscando compreender, dentre outras coisas, sua identidade expressa pela gestualidade, postura e sua ocupação no espaço. É preciso entender e aceitar que mover-se vai muito além de mudar de posição, que deslocar-se é muito mais que sair de um canto a outro.

O corpo é composto por ricas informações, que, por sua vez, revelam o sujeito em sua totalidade, oferecendo significados antes não percebidos, muito menos valorizados. A afirmação de que “somos um corpo” exemplifica bem o que defendemos junto aos pensamentos aqui abordados. Ademais, como pontua Medina (2002), o corpo não deve ser apenas um objeto inscrito na categoria do jurídico, julgado como feio ou bonito, bom ou ruim, grande ou pequeno, forte ou fraco. Muito menos ser peça que cumpre sua função dentro da “engrenagem social de um capitalismo periférico, dependente e selvagem” (MEDINA, 2002, p. 69). O corpo é maior do que tais prerrogativas, devendo assim ser considerado a partir de todas as suas dimensões, sejam eles individuais, coletivas, sociais e/ou políticas.

Como resultante mais representativa de nossa pesquisa, obtivemos a concretude de uma ação corporal possível de ser modificada, alterada, provocada. Constatamos que, após nossa intervenção, os sujeitos participantes desta pesquisa obtiveram mudanças qualitativas em sua ação comunicativa corporal, sobretudo, naquilo que se refere à timidez, mostrando-se mais disposto a se comunicar, a interagir; a relação entre intencionalidade e expressividade, manifestando-se de forma mais expressiva, gestualmente, evidenciando suas intencionalidades; e a sensibilidade da interação comunicativa, reconhecendo, *a priori*, a importância da interação social, e, num segundo plano, a valorização do ato de comunicar-se claramente por meio de seus gestos, ascendendo a interatividade das partes envolvidas.

Avaliamos que tais decorrências se deram, fundamentalmente, por intervirmos diretamente nas concepções e ações (corporais) dos participantes. Uma das principais repercussões da pesquisa é que ela inquietou os corpos trabalhados. Referimo-nos ao corpo presente, aquele que atua sob uma real intencionalidade.

Pudemos confirmar nossa hipótese inicial constatando as repercussões encontradas ao longo da intervenção. De fato, o sujeito, tendo consciência de seus potenciais corporais, se comunica, se expressa e educa mais efetivamente. Todavia, é fundamental que avancemos para além do aspecto da instrumentalidade, ou ainda um conjunto de órgãos, sistemas ou o objeto de programas de promoção de saúde ou lazer. O desafio está em superarmos o aspecto instrumental, que, em geral, caracteriza boa parte das abordagens sobre o corpo na educação, notadamente as que guardam relações muito estreitas com a cultura do corpo divulgada nos métodos ginásticos ou no movimento de *esportivização*.

Ligarmo-nos ao nosso corpo além do aspecto natural da vida é tornar mais perceptível nossas transformações, nossas mudanças, nossas modificações corporais. Notarmos que nosso corpo, com o tempo, não é mais o mesmo, é fato inegável. Porém, estabelecer com ele uma confiante relação transcendental é, por consequência, considerar suas possibilidades, respeitar suas limitações, confiar em sua potencialidade relacional.

A partir dessa convicção, temos a consciência de que a experiência realizada só continuará rendendo frutos se houver uma sequência prática constante, instigando e renovando o *sujeito-corpo*. Isso não significa obrigatoriamente que deva haver uma intervenção externa junto aos professores. Obviamente, é sempre importante que haja um direcionamento, uma instrução base para o desenvolvimento do trabalho. Todavia, a iniciativa particular de cada participante é fundamental, de tal modo que sua prática seja de fato realizada mental e corporalmente.

Os resultados e a discussão fomentada evidenciam a importância da intervenção focada no corpo do professor, bem como a relevância em se considerar a comunicação corporal no processo de ação comunicativa do sujeito com o meio que o entorna. Apresentamos um cenário possível de modificações, no qual o professor pode e deve ser o provocador da mudança. Esperamos que nossa discussão e análise possam iniciar um processo reflexivo acerca das contribuições que o corpo, por meio da comunicação corporal, pode oferecer, tanto no aspecto relacional, interacional e, fundamentalmente, comunicativo.

Por fim, partindo do princípio de que “*homem é o corpo e corpo é o homem*”, a principal contribuição que este estudo aponta configura-se na otimização/potencialização da capacidade comunicativa corporal do educador, sendo ela estendida, de forma natural e espontânea, para o âmbito no qual atua. Ignorar tal cenário é insistir na subutilização do corpo. É preciso que o professor tome consciência de si, enquanto corpo que é, para assim melhor explorá-lo. Para isso, é primordial que ele se veja no ato docente, enxergando sua interação com o outro e com o meio. Dessa forma, sua ação será melhorada, imbuída de mais qualidade, perdurando por muito mais tempo.

**Agradecimento:** A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo suporte dado ao estudo.

## NOTAS

<sup>1</sup> Ver apêndices A e B.

<sup>2</sup> Ver apêndice C.

<sup>3</sup> A sigla LMA refere-se ao Sistema Análise Laban de Movimento (*Laban Movement Analysis* – LMA), desenvolvido por Rudolf Laban (1879-1958), famoso dançarino, coreógrafo e considerado o maior teórico da dança do século XX. Tal sistema fora fundamental para nossa base teórico-metodológica, para a construção do nosso método avaliativo, bem como para o processo de análise e discussão dos dados.

## REFERÊNCIAS

- ARGYLE, Michael. *Bodily communication*. (2nd. Ed.). New York: Methuen & Co. 2nd. Ed, 1988.
- BERTHERAT, Thérèse. *O corpo tem suas razões: antiginástica e consciência de si*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- CASARES, Maria Inês Monjas; CABALHO, Vicente E. A timidez infantil. In: SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos (Org.). *Estudos de caso em psicologia clínica comportamental infantil*. Campinas, SP, Papirus, 2000.
- CORRAZE, Jacques. *As comunicações não verbais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- FERNANDES, Ciane. *O Corpo em Movimento: o sistema Laban/Bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas*. São Paulo: Anablume, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- GLUSBERG, Jorge. *A arte da performance*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- KATZ, Helena; GREINER, Christine. *Corpomídia: a questão epistemológica do corpo na área de comunicação*. Revista Húmus, n. 1. Caxias do Sul: Secretaria Municipal de Cultura, 2004.
- KNAPP, Mark L.; HALL, Judith A. *Comunicação não verbal na interação humana*. Tradução de Mary Amazonas Leite Barros. São Paulo: JSN, 1999.
- LABAN, Rudolf. *Domínio do Movimento*. São Paulo: Summus, 1978.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa, Instituto Piaget, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Amor, poesia e sabedoria*. RJ: Bertrand Brasil, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2000.
- PEASE Allan; PEASE, Barbara. *Desvendando os segredos da linguagem corporal*. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.
- PICARD, Dominique. *Del código al deseo: el cuerpo en la relación social*. Buenos Aires: Paidós, 1986.
- RECTOR, Mônica; TRINTA, Aluizio Ramos. *A comunicação não verbal: a gestualidade brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- SACRISTÁN, José Gimeno. *Poderes instáveis em Educação*. Trad. de Beatriz Afonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O aluno como invenção*. Tradução de Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- TREBELS, Andréas H. Uma concepção dialógica e uma teoria para o movimento humano. *Perspectiva*, v. 21, n. 1, jan./jun., 2003.
- WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. *O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

## APÊNDICES

**Apêndice A** – Questionário de avaliação (antes)

**Visando um melhor direcionamento de conteúdos e também para que tenhamos uma maior riqueza de dados comparativos e analíticos, responda as questões abaixo.**

- 1) Qual o seu parecer em relação a sua profissão de Educador nos dias atuais?
- 2) Você acredita na Educação Física escolar atual? Comente.
- 3) Qual sua maior dificuldade no momento em que está ministrado as aulas? Defina em palavras isoladas.
- 4) Em que grau você acha que está seu nível de **RELAÇÃO** com seu alunos?
  - a. Bom, mas pode melhorar.
  - b. Bom o suficiente para atender ao que considero essencial.
  - c. Muito bom, precisando apenas de um aperfeiçoamento.
- 5) Em que grau você acha que está seu nível de **INTERAÇÃO** com seu alunos?
  - a. Bom, mas pode melhorar.
  - b. Bom o suficiente para atender ao que considero essencial.
  - c. Muito bom, precisando apenas de um aperfeiçoamento.
- 6) Em que grau você acha que está seu nível de **COMUNICAÇÃO** com seu alunos?
  - a. Bom, mas pode melhorar.
  - b. Bom o suficiente para atender ao que considero essencial.
  - c. Muito bom, precisando apenas de um aperfeiçoamento.

- 7) Em no máximo 5 linhas, comente o que você sabe sobre comunicação corporal?
- 8) Você acha que é possível otimizar a comunicação por meio do corpo?
- 9) Para você, o que significa a afirmação "O corpo fala"?
- 10) De 1 a 5, qual nota daria para sua capacidade comunicativa corporal como Educador Físico escolar. Comente a razão da nota.

**Apêndice B – Questionário de avaliação (depois)**

**Visando a avaliação de tudo que foi proposto ao longo do Curso de Formação e também para que tenhamos uma maior riqueza de dados comparativos e analíticos, responda as questões abaixo.**

- 1) Marque abaixo em que grau percentual você acredita ter estado comprometido com o curso?
  - a. 100%.
  - b. 70%.
  - c. 50%.
  - d. Poderia ter me comprometido mais.
- 2) Em que grau você acha que o Seminário contribuiu para sua atuação como Educador?
  - a. Bastante.
  - b. Muito.
  - c. Pouco.
- 3) Você acredita que suas aulas tiveram algum reflexo de nosso projeto?
  - a. Bastante.
  - b. Muito.
  - c. Pouco.
- 4) Você acha que seu nível de **RELAÇÃO** com seus alunos melhorou depois do Seminário?
  - a. Bastante.
  - b. Muito.
  - c. Pouco.
- 5) Você acha que seu nível de **INTERAÇÃO** com seus alunos melhorou depois do Seminário?
  - a. Bastante.
  - b. Muito.
  - c. Pouco.
- 6) Você acha que seu nível de **COMUNICAÇÃO** com seus alunos melhorou depois do Seminário?
  - a. Bastante.
  - b. Muito.
  - c. Pouco.
- 7) Quão contribuiu o Seminário para seu conhecimento acerca da comunicação corporal? Marque a opção que melhor lhe satisfaz:
  - a. Boa parte do que foi trabalhado eu já sabia.
  - b. Aprendi pouco para o que esperava.
  - c. Apesar de saber um pouco sobre, pude aprender bastante.
  - d. Foi extremamente enriquecedor.
- 8) Você acha que depois do curso você passou a ser alguém que se **COMUNICA** melhor por meio do corpo?
  - a. Certamente.
  - b. Sim.
  - c. Talvez.
  - d. Não.
- 9) De alguma forma, você acha que o seminário realizado trouxe algum benefício imediato para sua ação como professor escolar?
  - a. Certamente.
  - b. Sim.
  - c. Talvez.
  - d. Não.
- 10) Você acha que seria bom para a Educação Física escolar de Cabedelo uma continuidade desses tipos de trabalho?
  - a. Certamente.
  - b. Sim.
  - c. Talvez.
  - d. Não vejo contribuição alguma.

**Apêndice C – Protocolo de Observação do Corpo Comunicativo (POCC)**

PROTÓCOLO DE OBSERVAÇÃO DO CORPO COMUNICATIVO (POCC)	
<p>MÊS/ORÇINA: Setembro/Oficina II <span style="float: right;">SEMANA 21 ( / / ) 42</span></p> <p style="text-align: center;">Categoria Avaliativa: CORPO GESTUAL Circunstância Pedagógica: EXPLICAÇÃO NO INÍCIO DA AULA Canal de Comunicação: GESTOS</p> <p>NOME: _____ IDADE: _____ anos</p> <p>LIMITAÇÕES FÍSICA: ( ) não ( ) sim, _____</p>	
2ª SEMANA (avaliação do ANTES)	4ª SEMANA (avaliação do DEPOIS)
<p><b>Categoria de Análise:</b> <b>Expressividade Gestual</b></p> <p>A ( ) Regular - De 1 a 2 palavras-chave B ( ) Boa - De 3 a 4 palavras-chave C ( ) Excelente - De 5 a 6 palavras-chave</p>	<p><b>Categoria de Análise:</b> <b>Expressividade Gestual</b></p> <p>A ( ) Regular - De 1 a 2 palavras-chave B ( ) Boa - De 3 a 4 palavras-chave C ( ) Excelente - De 5 a 6 palavras-chave</p>
<p><b>OBSERVAÇÕES:</b></p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	

**PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO DO CORPO COMUNICATIVO (POCC)**

MÊS/OFICINA: Outubro/Oficina III	Categoria Avaliativa : CORPO POSTURAL	SEMANA 2ª ( ) / ( ) 4ª
Circunstância Pedagógica: PROCEDIMENTO DURANTE A AULA		
Canal de Comunicação: POSTURA		
NOME: _____	IDADE: _____ anos	
LIMITAÇÕES FÍSICA: ( ) não ( ) sim, _____		

2ª SEMANA (avaliação do ANTES)	4ª SEMANA (avaliação do DEPOIS)
<b>Categoria de Análise:</b> <b>Expressividade Postural</b> A1 ( ) A2 ( ) Regular - De 5 a 10 movimentos B1 ( ) B2 ( ) Boa - De 10 a 15 movimentos C1 ( ) C2 ( ) Excelente - De 15 a 20 movimentos	<b>Categoria de Análise:</b> <b>Expressividade Postural</b> A1 ( ) A2 ( ) Regular - De 5 a 10 movimentos B1 ( ) B2 ( ) Boa - De 10 a 15 movimentos C1 ( ) C2 ( ) Excelente - De 15 a 20 movimentos

**OBSERVAÇÕES:**

---



---



---



---

**PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO DO CORPO COMUNICATIVO (POCC)**

MÊS/OFICINA: Novembro/Oficina IV	Categoria Avaliativa : CORPO ESPACIAL	SEMANA 2ª ( ) / ( ) 4ª
Circunstância Pedagógica: DESLOCAMENTO DURANTE A AULA		
Canal de Comunicação: EXPLORAÇÃO DO ESPAÇO		
NOME: _____	IDADE: _____ anos	
LIMITAÇÕES FÍSICA: ( ) não ( ) sim, _____		

2ª SEMANA (avaliação do ANTES)	4ª SEMANA (avaliação do DEPOIS)
<b>Categoria de Análise:</b> <b>Exploração do Espaço (EE)</b> A ( ) Pouca EE - De 0 a 3 pontos B ( ) Razoável EE - 4 a 6 pontos C ( ) Considerável EE - De 7 a 8 pontos	<b>Categoria de Análise:</b> <b>Exploração do Espaço (EE)</b> A ( ) Pouca EE - De 0 a 3 pontos B ( ) Razoável EE - 4 a 6 pontos C ( ) Considerável EE - De 7 a 8 pontos

**OBSERVAÇÕES:**

---



---



---



---